

Poesia

Poemas

Francisco Prata Gaspar

Professor de Filosofia da UFSCar
francisco.gaspar81@gmail.com

A lâmina e eu

Brilho reluzente da lâmina afiada
A relampejar naquela noite da Cidade
Golpe, estocada, pele, tecido,
Carne.

Fria como homem que virou
Homem, que virou de fora, que
Fora alguma coisa boa e não
Mais.

Quente onde já escorria caudaloso
Vivente ainda e reluzente, fonte,
O que é comum a nós.
Sangue.

A noite se iluminava finalmente,
Caído, olhos abertos ao céu, pleno
Da certeza que ali esfumava-se.
Eu.

Lar

da lama que cheira putrefação
eu colho um pouco
e ergo uma casa.
do lixo esquecido no saco escuro
eu seleciono os móveis
e em casa me sento.
da poeira infindável e incorrigível
eu monto meu telhado
e acoberto minha casa
meus móveis.
das rugas sujas do mendigo
(andrajoso que carrega sacos também)
eu retiro as linhas curvas
e enfeito as entradas.
da sombra da noite poluída sem estrelas
eu abocanho a massa corrida
e deslizo o acabamento.
do inigualável vermelho do poente
do frescor verdejante das árvores
do avassalador canto dos pássaros
eu me protejo.

Chegada

Doce
o perfume
em minhas narinas
sussurrando ao espírito
a chegada.
Longe
de muito longe
você vinha,
pelo ar, pelo mar,
caminhar.
Azul
vermelho azul
o vestido reluzia, esvoaçava
o vento
tempo.
Beijo
na fronte fonte
entre cabelos, olhos,
entre eu, você,
mistério.
Doce.